

ONIROCRACIA, PANDEMIA E SONHOS CIBORGUES

Fabiane M. Borges¹, Livia Diniz²,

Rafael Frazão³ y Tiago F. Pimentel⁴

Resumen:

A partir del entramado de algunos fragmentos teóricos, configuramos una pequeña estructura acerca de la “red de inconscientes”. Es una provocación conceptual que articula lo humano, la naturaleza y la tecnología, promoviendo la idea del inconsciente como un entorno complejo, en constante cambio, que funciona como un campo de comunicación entre las cosas, una comunicación no objetiva sino intuitiva, transversal, multitemporal y multiespecífica. Un inconsciente que no existe exclusivamente en lo humano, sino en la trama invisible entre las cosas. Además de incorporar los diversos animismos, la red de inconsciente también apunta a problematizar el inconsciente de las máquinas inteligentes. En este punto planteamos algunas preguntas: ¿Sería posible un inconsciente de las máquinas? ¿Cómo sería esta conexión de los sueños humanos con este inconsciente de las máquinas que, además de generar datos e información, podría generar un campo de subjetividad cyborg? Si la red del inconsciente es un campo de comunicación con agencias extrahumanas, ¿la subjetividad cyborg podría acceder a un campo más profundo en el panteón multiespecífico? Con el Pandemic Dreams Archive, (“Archivo de sueños pandémicos”), nuestro archivo de relatos de sueños recopilados durante los primeros meses de la pandemia, estos temas cobraron relevancia. Se analizaron las distintas series y diferentes modelos oníricos mediante grafos y mapas interactivos, lo que permitió examinar los sueños de forma metódica. Las coincidencias semánticas nos permitieron hacer asociaciones entre diferentes sueños y observar los campos relacionales entre manifestaciones oníricas. También creamos un bot llamado MacUnA (Algoritmo del Inconsciente Maquínico), un robot con base en la PLN (Programación en Lenguaje Natural), una subárea de la informática y la inteligencia artificial que se ocupa de la lingüística. MacUnA remezcla los relatos de sueños del archivo y crea sueños derivados. Si bien MacUnA sigue siendo una máquina literaria cartesiana, nos sorprende precisamente al romper este cartesianismo con su capacidad poética, que proviene de la asociación de diferentes sueños. Su

¹ Fabiane Moraes Borges. PHD em Psicologia Clínica (PUC/SP). Curadora. Pesquisadora. Desenvolve o programa SACI-E /INPE (Subjetividade, Arte e Ciências Espaciais realizado no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Também faz Pós Doutorado em Diversidade e Direito dos povos no Diversitas / FFLCH/USP. Articuladora das redes Tecnoxamanismo e Comuna Intergaláctica.

² Livia Diniz é diretora artística, carnavalesca e coordenadora de projetos relacionados à infância. No Rio, com a Maraberto Filmes, faz cinema, videoclipe, instalações interativas, e laboratórios de arte e tecnologia. Com a Escola Playing for Change Patagônia, desenha projetos socioculturais para formação de redes; e na Espanha com o Labea, desenvolve laboratórios de gestão cultural, arte e ecologia.

³ Rafael Frazão é artista visual e investigador, integra o programa de estudos independentes do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, é associado ao centro de criação em artes visuais La Escocesa e articula a rede Tecnoxamanismo. Investiga e trabalha desde a filosofia da imagem, dos estudos decoloniais e da ficção científica.

⁴ Tiago F. Pimentel. Vindo da área de ciências sociais e formado em Defesa Cibernética, é antropólogo diletante, artista multimídia, pesquisador de redes, hacker, programador e ativista em defesa da Internet Livre. É um dos idealizadores da CryptoRave, maior encontro aberto sobre criptografia e segurança do mundo e Diretor Geral da Associação Actantes - Ação Direta pela Liberdade, Privacidade e Diversidade na Rede.

lenguaje es onírico y nos acerca a la especulación sobre lo que sería, en el futuro, un algoritmo de la máquina inconsciente o incluso los sueños cyborgs.

Palabras claves: Onicracia; Pandemia; Soñar con Cyborgs

Resumo:

A partir do referencial de alguns fragmentos teóricos, configuramos uma pequena estrutura sobre a "rede de inconscientes". É uma provocação conceitual que articula o humano, a natureza e a tecnologia, promovendo a ideia do inconsciente como um ambiente complexo, em constante mudança, que funciona como um campo de comunicação entre as coisas, uma comunicação que não é objetiva mas intuitiva, transversal, multitemporal e multiespecífica. Um inconsciente que não existe exclusivamente no humano, mas na teia invisível entre as coisas. Além de incorporar os diversos animismos, a rede de inconscientes também visa problematizar o inconsciente das máquinas inteligentes. Neste ponto, colocamos algumas questões: Seria possível um inconsciente das máquinas? Como seria essa conexão dos sonhos humanos com esse inconsciente das máquinas que, além de gerar dados e informações, poderia gerar um campo de subjetividade ciborgue? Se a teia do inconsciente é um campo de comunicação com agências extra-humanas, a subjetividade do ciborgue poderia acessar um campo mais profundo no panteão das multiespécies? Com o Pandemic Dreams Archive, nosso arquivo de narrativas de sonhos coletados durante os primeiros meses da pandemia, esses temas se tornaram relevantes. As diferentes séries e diferentes modelos de sonhos foram analisados por meio de gráficos e mapas interativos, o que nos permitiu examinar os sonhos de forma metódica. As coincidências semânticas nos permitiram fazer associações entre diferentes sonhos e observar os campos relacionais entre as manifestações dos sonhos. Também criamos um bot chamado MacUnA (Machinic Inconscious Algorithm), um robô baseado em PNL (Natural Language Processing), uma subárea da ciência da computação e inteligência artificial que lida com linguística. MacUnA remixa as narrativas de sonhos do arquivo e cria sonhos derivados. Embora MacUnA ainda seja uma máquina literária cartesiana, ela nos surpreende justamente por quebrar esse cartesianismo com sua capacidade poética, que vem da associação de diferentes sonhos. Sua linguagem é onírica e nos aproxima da especulação sobre o que seria, no futuro, um algoritmo da máquina inconsciente ou mesmo os sonhos ciborgues.

Palavras-chaves: Onicracia; Pandemia; Sonho Ciborgues

*“Um inconsciente cuja trama não seria senão o próprio possível, o possível à flor da linguagem, mas também o possível à flor da pele, à flor do socius, à flor do cosmos”
(Trecho do livro O Inconsciente Maquínico de Félix Guattari)*

1. SOBRE O ARQUIVO DE SONHOS DA PANDEMIA

Durante a quarentena do Covid 19, lançamos uma plataforma na internet para reunir relatos de sonhos. Ela funciona tanto como um registro histórico, quanto como um lugar de domínio público, onde pessoas interessadas possam ter contato com essas múltiplas narrativas oníricas para desenvolver suas próprias ciências do sonho, ou se entregar à força literária dos relatos. O Pandemic Dream Archive⁵ rapidamente teve muitos acessos e começou a receber vários sonhos por dia. A plataforma alcançou uma extensão transnacional, com amostragem de 35 países e mais de 500 relatos nos três primeiros meses de quarentena. Quando começamos a nos envolver com o material percebemos se tratar de um fenômeno particular, que aquela rede de inconsciente respondia à intrusão do vírus e à pandemia, de diferentes maneiras claro, mas havia uma teia comum interessante de investigar. Mas para abordar esta questão,, precisamos descrever minimamente nossa visão de inconsciente, pois aí habitam os sonhos.

2. REDE DE INCONSCIENTES

Partimos da ideia de uma rede de inconscientes⁶ que funciona como um campo de comunicação entre as coisas, uma comunicação não racional, não objetiva, mas intuitiva, transversal e multiespecífica, em constante encontro e estranhamento com tudo que comunica. Para seguir essa prosa especulativa, partimos da ideia de uma rede de inconscientes que negocia com diferentes estatutos do inconsciente, com elementos do inconsciente Freudiano, por exemplo, lugar onde se experiencia o Édipo, a castração e o recalque, mas também com o inconsciente como linguagem de Lacan, que nos permite atingir picos elevados da metafísica sem resvalar em um espiritualismo universal, que talvez o inconsciente coletivo arquetípico de Jung acabe nos conduzindo, o que escapa do perfil materialista das psicanálises, mas que nos ajuda de qualquer modo a compreender como seria a textura de um cosmos do inconsciente. Numa espécie de conspiração materialista e utilizando pistas do inconsciente maquínico de Guattari, saímos do terreno puramente antropocêntrico, trazendo a rede de inconscientes como um lugar onde se articula as relações entre humanidade, natureza e tecnologia a fim de assumir

⁵Cfe. Site do projeto: <http://archivedream.wordpress.com> Acessado 9/11/2020

⁶ Cfe. Borges, Fabiane. M. Futuros Sequestrados X Anti-Sequestro dos Sonhos. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, v. 2, n. 1, p. 44, 18 ago. 2019. <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/17422>

um inconsciente que escapa do homo sapiens e adentra a trama do inconsciente "dos outros". Para pensar essa rede de inconscientes, devemos entender que além de ser uma rede de conceitos sobre o inconsciente, é também um campo ativo de intercomunicação entre diferentes agentes da diversidade extra-humana.

As teorias contemporâneas sobre perspectivismo, virada ontológica e animismo nos ajudam a compreender melhor essas relações interespecíficas, quando nos conectam com cosmovisões ameríndias ou aborígenes por exemplo. Cosmovisões que indicam um corte com as perspectivas ocidentais, desorganizando as relações instituídas pelos modernos entre natureza e cultura, trazendo a metafísica para o campo da imanência, focando na interpenetração entre subjetividade humana e subjetividade animística. Com a ideia de um campo multiespecífico de relações, onde não há centralidade humana sobre os vários agentes, mas a relação dos agentes entre si. Onde o humano também entra como parte do processo, apesar da dificuldade, já que utiliza historicamente tecnologias de separação com tudo que indica natureza para se tornar sujeito civilizado. Técnicas essas que são tradicionalmente forjadas pela mitigação programática da animalidade no *homo*, ou seja, quanto menos animal se é, mais humano se torna. Essa equação nos parece dar a largada na série de gestos de separação que formam a máquina do inconsciente colonial e a cartilha de privilégios epistemológicos do poder antropofalo-logo-cêntrico. Mas há muitas comunidades que resistiram e resistem a esse afastamento e ainda hoje autoproclamam sua diferença em relação às doutrinas da civilidade. A questão que se coloca aqui é: O que acontece com as línguas extintas, culturas escravizadas, colonizadas, as relações interespecies maculadas pela força das religiões e dos estados? A "natureza" foi reprimida e com ela constelações de relações. Elas retornam em algum momento, com a força de um transbordamento e não cessam de comunicar, sobrevivendo no campo do inconsciente até se atualizar de alguma forma na materialidade. Ao mergulhar nessa nova trama relacional, manifestada em parte nos fragmentos dos restos civilizatórios que subsistem na ecologia do inconsciente, conseguimos imaginar, através do ensaio especulativo, algumas alternativas para o projeto de centralidade e domínio da natureza que ainda persistem no contemporâneo, e revelar a plasticidade de objetos forçadamente escondidos⁷.

⁷Cfe. Borges, Fabiane. M. Ancestrofuturismo. Livro Tecnoxamanismo. Sao Paulo: Invisíveis Produções, 2016. https://tecnxamanismo.files.wordpress.com/2018/05/tnxnm-22_layout-2.pdf (em inglês: http://europia.org/cac6/CAC-Pdf/12-CAC6-16-Fabi_Malu_Ancestrofuturism.pdf)

Nos interessa aqui pensar essa relação também com as máquinas, com os projetos ciborgues ou transhumanistas, com essas teorias de superação do corpo humano (considerado como corpo obsoleto, corpo 1.0) através da robótica, das mutações genéticas induzidas e dos uploads de consciência, ou seja uma transantropotecnia de ponta, que já acontece cotidianamente em nossas vidas, com a inteligência artificial, capitalismo de dados, biohacking e edição genômica)⁸. Nos cabe perguntar se a alteridade que ainda habita os sonhos humanos habitará também os sonhos transhumanos, onde supostamente a "natureza" estaria ainda mais apartada. Ou seja, como nossas inteligências artificiais e aprendizagem de máquina lidarão com as ecologias, com a subjetividade? Terão elas capacidade de reativar a natureza perdida? Como essa trama do inconsciente ciborgue se relaciona com o extra-humano?

Nesse sentido nos interessa especular sobre como seria a ecologia de inconscientes das Camilles⁹ - e aqui também se percebe um projeto transhumanista, mas de outra ordem, já que se estrutura nas relações interespecíficas, usa as mutações genéticas a favor da recuperação de espécies extintas e maneja a rede de inteligências à serviço da recomposição da natureza terrestre. Nesse ponto nos sentimos ávidos por ampliar as informações que Donna Haraway nos dá em seu texto, para imaginarmos esses inconscientes compostos através da combinação de humanos, animais, insetos, botânica e tecnociência das gerações Camilles, criaturas que ainda quando fetos recebem cargas genéticas de espécies extintas em seu corpo e são criadas como seres híbridos a partir de várias relações, não só com a família nuclear ou com a comunidade de humanos, mas também com todos os outros.

Cabe aqui falar da condição multitemporal que é necessária para compreender uma rede de inconscientes, vemos essa condição como um território de agenciamento entre ancestralidades e futuros, cuja linearidade temporal entre ambos é desinvestida em nome da constituição de uma temporalidade que funciona como campo de força povoada por memórias de passado e futuro a um só tempo. Imaginações, sombras, resquícios de mundos inventados que nunca sequer conseguiram existir, mundos perdidos, extintos, línguas mortas, mas que

⁸ Cfe. Doudna A, Jennifer e Stemberg H, Samuel. *A Crack in Creation: Gene Editing and the Unthinkable Power to Control Evolution*. Mariner Books. 2018. Boston New York.

⁹Cfe. Haraway, Donna. "The Camille Stories". *Staying with the Trouble*. Duke University Press. (2016). Durham, North Carolina EUA. Está sendo traduzido e será lançado pela editora N-1 em 2021.

sobrevivem em forma de espectralidade, que por sua vez exercem pressão sobre a realidade. É o imemorial, o pré-individual, as ontologias não vingadas, mas que existem como rastro arqueológico, como gens recessivos, como sementes extraviadas, que podem vir a comunicar-se através dos sonhos. Ou ainda como memória atemporal, como potência do devir que atravessa o fosso entre a animalidade e a humanidade, o organismo tornando-se ciborgue a partir da ferramenta, como hominídeos diante do obelisco, subsistindo entre as ficções utópicas e distópicas para gerar o incomensurável paradoxo. Por exemplo, o feto na última cena do "2001 - uma Odisséia no Espaço", que de dentro de sua atmosfera solta no vácuo, olha para a Terra como quem acessa a própria possibilidade do eterno retorno.

A ideia de uma rede de inconscientes nos lança de maneira transdisciplinar, a pensar um inconsciente que, sim, abarca a construção de significantes humanos em todas as suas torções traumáticas, imaginárias, simbólicas, arquetípicas, mas que também é campo de comunicação entre as coisas. Essas multiplicidades são como estratos espectrais que existem como um "outside" do sonhador, que pode vir a frequentar seu inconsciente se por acaso encontrar ambiente propício, ou seja, se for capaz de ser sonhado. A partir disso é possível que se estabeleça alguma forma de comunicação. Como uma deep web sem contornos específicos onde ocorre um cosmodrama feito de fragmentos de desejos de revolução (e vingança) dos bichos, de segredos dos mitos (aquilo que não é revelado), comunidades de espectros (e suas relações entre si sem a presença humana), poéticas secretas das águas (desde seus rios voadores até suas tempestades e tsunamis), conspiração dos elementos da Terra (que agem abundantes em suas gambiarras nem sempre pré-determinadas), ou ainda o circuito dos astros (colaborando em alianças intensivas que compõe e influencia a rede de inconscientes). Mas é preciso também pensar o inconsciente como matéria prima viva e mutante, como dobra do fora, como usina de futuro, plataforma de especulação e incubadora de mundos possíveis. Pensamos a rede de inconscientes como um espaço público ontopolítico, um lugar de cruzamento com o panteão das multiplicidades cujo teor e sentido pode se manifestar nos sonhos¹⁰.

¹⁰ Cfe. Borges, Fabiane. M. "Cosmogonias Livres - Rituais Faça Você Mesmo (DIY). Livro Tecnoxamanismo. Sao Paulo: Invisíveis Produções, 2016. https://tecnoxamanismo.files.wordpress.com/2018/05/tcnxnmnm-22_layout-2.pdf

3. CARTOGRAFIA ONÍRICA ATRAVÉS DE GRAFOS E MAPAS INTERATIVOS: UMA DERIVA ESPECULATIVA



Quais foram os temas mais recorrentes nos sonhos durante a pandemia? Como se manifesta a alteridade nos sonhos humanos? Quais são as principais categorias? De fato não conseguiríamos fazer aqui todas as ligações sem ajuda das máquinas - por isso nossa primeira investida foi na construção de uma navegação própria para análise semântica dos sonhos registrados no banco de dados¹¹.

Para criar a cartografia dos sonhos da pandemia desenvolvemos grafos interativos, construídos através da programação em PLN (processamento de linguagem natural), que nos permitem a navegação pelos sonhos a partir dos substantivos que eles expressam, para produzir a visualidade dos conjuntos de relações entre os signos e as imagens, cercando algumas categorias, que nos ajudam a dar relevo às incidências oníricas do período. No entanto, esse instrumento nos ajuda também no aspecto criativo, já que além de construir mapas da topologia dos sonhos, nos permite aproximar substantivos novos, gerar conteúdo associativo e criar novas tramas semânticas e imagéticas. Funciona como uma ferramenta de ciência e de arte ao mesmo tempo.

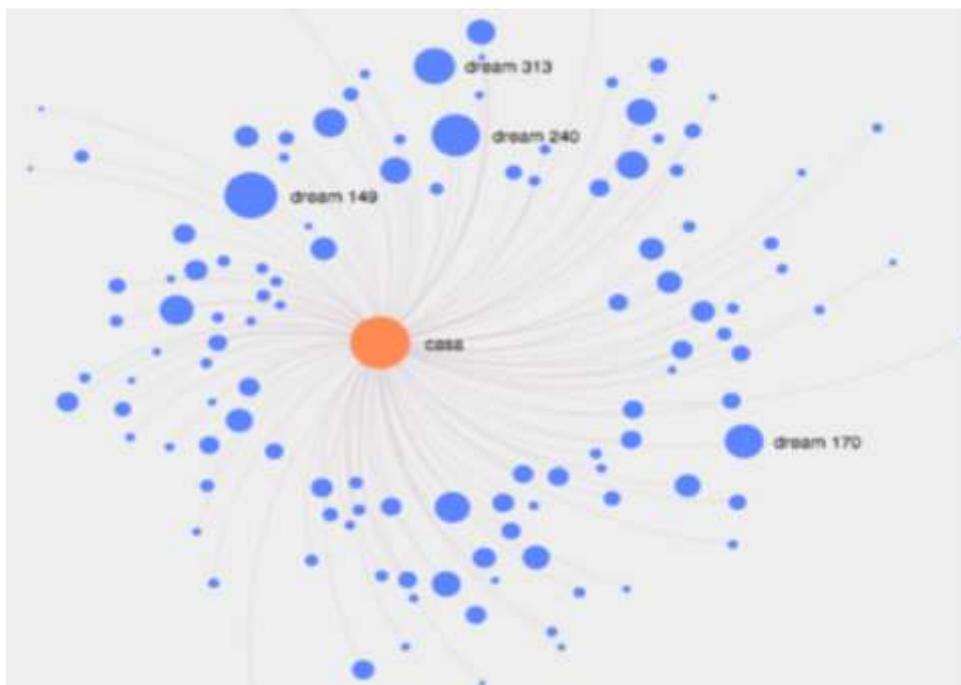
¹¹Cfe. Site Pandemic Dreams. <https://archivedream.wordpress.com/graphos-e-onirarquias/>Visto 26/10/2020



Identificamos algumas imagens que apareceram com frequência nos sonhos, como animalidade, arquitetura, água, força metamórfica do vírus, sistema digestivo das coisas, infocracia, tecnocultura, interrupção de fluxos, paralisia, lapso temporal, cerimônia ritual. A partir do estudo dessas recorrências, propomos uma deriva especulativa pelos mais de 500 sonhos coletados.

A palavra "casa", por exemplo, aparece em 133 sonhos, em quantidade de recorrências só fica atrás da palavra "pessoas". Outras palavras ao redor da noção de casa são bastante presentes, como sala, apartamento, espaço, quarto, janela, etc.

As arquiteturas portanto, aparecem como figurações recorrentes nos sonhos da pandemia. Fizemos leituras programáticas dos relatos, investigando particularmente suas manifestações. O contexto de confinamento surge como um dos principais elementos ao qual o inconsciente foi impelido a responder instantaneamente. A noção de casa, além de outros signos que comentaremos um pouco, aparece nos sonhos como um marcador radical de cisão entre uma noção de espaço público e espaço privado, ambos acionando uma espécie de grandeza ou outras dimensões que antes não estavam lá.



"Pelo olho mágico dois vampiros riam e faziam convites para abrir a porta. Corri para o quarto e os vi na janela, sorrindo com desejo e deboche, seus corpos achatados pela superfície do vidro." (Sonho 90 - Rio de Janeiro - Brasil - O Claustroiano)

"Uma porta e uma janela azul, olho para fora, vejo o mar, uma ovelha me cumprimenta de um barco, a rede dele está cheia de peixes azuis que brilham". (Sonho 295 - Castrolibero - Itália - NucciaPugliese)

Nos parece que a intrusão viral e a radical mudança do estatuto do público provoca no sonho uma certa reposição espacial do devir selvagem, de maneira que a "natureza" anárquica está ao mesmo tempo mais próxima, no sentido de logo ali, depois da porta, abaixo da janela; diferente da imaginação de distância de uma "natureza" que está longe, lá na floresta, e ao mesmo tempo, está radicalmente mais inacessível e intocável. As casas sonhadas funcionam como refúgios de separação desse perigo metamorfo e incompreensível que os sonhadores fitam pelas janelas. Muitos dos relatos são de aventuras centrípetas para dentro dessas casas, que acabam nos revelando arquiteturas fantásticas, reentrâncias inesperadas, buracos misteriosos, conjugações de mundos dentro de outros mundos.

"Entre em uma construção antiga, e para minha surpresa, o interior era extremamente mais avançado que o exterior. Tudo o que lembro do edifício

é que havia um elevador de formato hexagonal, que rotacionava seu próprio chão. As portas eram várias. Eu sempre saía no segundo andar." (Sonho 283 - Niterói - Brasil)

"Todo o lugar estava cercado por imensas escadas de ferro que levavam a plataformas suspensas. Era fácil se perder naquele labirinto como nunca, terminando em escadas em espiral," (Sonho 285 - Alba Iulia - Romania - Irina Erro)

Outra presença substancial no conjunto de relatos é a aparição numerosa de animais. Apesar dos animais sonhados darem as caras de diferentes maneiras, parecem tensionar um lugar semelhante nas narrativas, onde em geral aparecem produzindo uma certa zona de indiscernibilidade e desajuste das fronteiras entre as espécies. Essa indiscernibilidade se manifesta não só nos diferentes sonhos morfogenéticos, de bichos sempre a espreita de se transformarem em outra coisa, mas também na aparição de outros arranjos zoopolíticos, diferentes dos que costumamos agenciar na vigília. Ou seja, parece que a posição de poder do animal sonhado vem sempre meio desorganizada. O animal e seu bando se tornam perigosos portadores de uma anarquia molecular que acossa nosso trono de reinado epistemológico, de maneira que o animal se revela profundamente inserido na política.

"No final da rua, vejo uma pessoa dando meia-volta sem orientação. De repente, uma pequena sombra se curva ao virar da esquina. Então algo passa pela sombra. Inclino-me sobre a balaustrada da varanda para ver melhor e ver uma vaca malhada em preto e branco. Agora também ouço um suave sino de vaca tocando (deve ser um sino muito pequeno). Há mais vacas virando a esquina. Logo há dez delas e elas estão se espalhando sem pressa na rua." (Sueño 118 - Christina Ertl-Shirley)

A operação base desse relato é: ruas tomadas por coletivos de animais, uma imagem particularmente fantástica que se atualizou rapidamente na realidade durante o contexto pandêmico, e entrou em circuito de feedback positivo pulando do virtual ao atual e do atual ao virtual aos saltos. Nos parece que nessa imagem já há um gesto de variação cosmopolítica profunda. A começar pelo temor na ideia mesma de cidade como conjunto material da cultura do humano e suas caixas, surgida da operação de (supostamente) apartar as espirais de colaboração e predação relacionadas a natureza, expulsando as outras espécies do escopo da cidadania. O contato com a imagem do coletivo de vacas calmamente ocupando as

ruas, em saltos exponenciais, nos faz experimentar, sobretudo, a investida em uma outra musicalidade política, um ritornelo marginal que como um canto vem soando ao longe e ficando mais alto, invadindo a música do modo humano. Esse devir se anuncia através do sino, que balança calmamente no pescoço de cada indivíduo vaca que vem chegando, carregando no seu balanço outra crono-cosmologia, cantada em seu cortejo.

"Sonhei que tinha um abscesso no lado da mandíbula e ele se transformou em um grande nódulo inchado cuja dor começou a paralisar o lado direito do meu rosto. Matérias escuras, como fios, começaram a aparecer do centro, e eu comecei a mexer nela. Depois de um tempo, um pequeno pássaro azul começou a sair do meu rosto e, eventualmente, ficou sentado lá, empoleirado meio de lado em um ângulo estranho, ainda preso ao meu rosto (pés ainda ancorados sob a minha pele?). Eu estava no espelho do banheiro, o pássaro e eu nos encarando, o pássaro inclinando a cabeça quase em questão." (Sonho 316 - Davis - United States - Toby Smith)

Esse maravilhoso relato mistura pelo menos três categorias recorrentes no arquivo de sonhos, que são as arquiteturas, os animais e a noção de mundos acontecendo dentro de outros mundos. Muitos sonhos sugerem uma certa *cosmologia ontofágica*, onde o mundo vivido soa como um sistema de deglutição e digestão de outros mundos, como se uma multiplicidade maior se deslocasse acoessando a organização do sonhador, como se fosse em direção a sistemas menores que vivem dentro de outros sistemas. Nos parece interessante essa recorrência justamente pelo fato de entendermos o sonho como território de comunicação e de alteridade. A presença numerosa de relatos que descrevem uma vida *simpoiética*, ou seja, vidas que acontecem sob uma cosmologia baseada na conjugação enredada de espécies simbiotes (e não no vetor de competição e individuação autopoiética), corrobora nossa ciência especulativa e nos diverte por achar que algumas coisas realmente se mostram mais claras no sonho.

"Eu estava em um navio, viajando da casa dos meus pais (Sardenha) para a casa do meu namorado. Outro navio estava atrás de nós, e de repente ele abre as portas da frente da garagem, tentando engolir nosso navio." (Sonho 319 - Florença - Itália)

Outro ente muito presente nos mundos oníricos é a água e os ambientes aquáticos, só as recorrências das palavras "água, "mar" e "piscina" somam aparições em 23% dos sonhos analisados na primeira leva.

"O mar começou a invadir completamente a cidade e a inundar todas as ruas mas o que era interessante é que o mar invadia somente as ruas da cidade e as pessoas que estavam refugiadas nas casas estavam seguras pois a água não invadia as casas, somente a parte externa da cidade." (Sonho 84 - São Paulo - Brasil)

A maneira como os mundos aquáticos figuram nos sonhos parecem carregar um pressuposto relacionado particularmente a duas operações, fluxo e imersão. Os sonhos imersivos, subaquáticos ou a espreita de uma imersão soam incitar os sonhadores a experimentar uma espécie de preenchimento invasivo de uma outra imaginação material, mas que traz consigo um risco iminente de dissolução, de desindividuação. Mesmo que a atmosfera (nosso topos) opere em um fluído, não temos sensibilidade para seu caráter imersivo, nossa vida "aérea" nos parece feita de vazio. Na experiência onírica do mergulho, se percebe uma nova sensibilidade tátil que não cessa de fazer perceber o mundo material que a abraça, mas a inundação a espreita aterroriza parte dos sonhadores. O terror da água como solvente universal, a dissolução do sistema individual, despersonalização, não são incomuns às narrativas de fuga da água, mas poucos sonhadores escapam do momento chave em que caem na água ou são inundados, esse gesto de liquefação muitas vezes é um deleite:

"Eu estava assistindo um amigo debaixo d'água dentro de uma piscina muito grande e ele estava acenando um olá. Eu estava acenando de volta. Sob a água, nas paredes da piscina, havia muitas pinturas e obras de arte. Então, sentamos à mesa e ele pediu uma obra de arte. Ele estava mordendo e sendo preenchido com chocolate." (Sonho 246 - Athens - Greece)

Conectado na imaginação material da água, os sistemas de fluxos e sobretudo suas interrupções aparecem também de maneiras diversas, algo engasgado que não irrompe, entalado e estagnado, incômodo loopado, muitas vezes se materializam em paralisias corporais.

"Sonhei que estava nas Olimpíadas competindo na seção de mergulho. Quando estava na beira do trampolim, minhas pernas paralisaram". (Sonho 140 - Cidade do México - México - Paola Thompson)

"Estava a assinar um contrato de trabalho e uma das cláusulas informava que as minhas tarefas somente poderiam ser desempenhadas usando a parte de baixo do corpo, evitando totalmente o usos dos braços, para não haver contágio do Covid 19". (Sonho 65 - Lisboa - Portugal - Sinara)

Novas divisões do corpo e mediações de cuidados físicos invadiram as preocupações dos sonhos. Muitas vezes há a aparição de um alerta de cuidado sanitário dentro do sonho, como uma lembrança da vigília, que parece plantar a pergunta: há infecção nesse mundo? Desde aí as multiplicidades não humanas proliferam e nos parece que o signo do vírus delira em uma força metamórfica que o transforma nos mais diferentes perigos à espreita. Uma constante é seu poder multiplicador, um devir animal é sempre um bando, uma matilha, um povo¹².

"No sonho, eu caminhava por uma rua e uma mulher começou a me acompanhar e a fazer perguntas. Conforme caminhava ao meu lado, sua fisionomia mudava. Talvez ela não soubesse que eu havia visto essa transformação. Fiquei com medo e tentei fugir, mas ela aparecia com uma feição diferente, tentando se aproximar. Então, ela surgiu em formato de um animal e tentou me agarrar. Eu a joguei no chão e ela se despedaçou. Seus pedaços formaram outros seres, se multiplicaram." (Sonho 146 - Bauru - Brasil - Erica Franzon)

Essa breve deriva pelos relatos levanta conexões instigantes sobre as implicações na imaginação e no inconsciente como resposta imediata à pandemia. Nos parece que há sobretudo certos tremores de ordem ecopolítica, que nos sonhos ganham outra luz. Por fora do ocularcentrismo e da frontalidade da vigília, que não param de colocar nas nossas caras um mundo a imagem e semelhança do capital, existem outras sensibilidades, particularmente ecopolíticas, ou seja, sensibilidades que processam um outro tipo de enredamento com os bichos de todos os tipos, que a ficção neoliberal da individuação nos atrapalha muito a sentir e processar. No sonho, o constrangimento do sujeito político nessas condições fica mais brando,

¹² Cfe. Zourabichvili, François (2004). *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: IFCH - Unicamp. pp. 24–26

deixando mais espaço para que as agências, ou seja, as máquinas imagéticas intencionais das coisas, possam negociar, interagir e cooperar. Poderíamos especular então que a dimensão do sonho tem muito a aportar ao conjunto de fenômenos que chamamos de realidade, e não ao contrário da tradição que extirpa a totalidade da sua dignidade ontológica.

4. SONHOS DE MACUNA / ALGORITMOS DO INCONSCIENTE MAQUÍNICO

"(...) a máquina devia ser um deus de que os homens não eram verdadeiramente donos só porque não tinham feito dela uma Iara explicável mas apenas uma realidade do mundo. De toda essa embrulhada o pensamento dele (Macunaíma) sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens. Macunaíma deu uma grande gargalhada¹³."

Aqui nos dedicamos um pouco a falar sobre a capacidade comunicacional interespecífica relacionando humano e máquina. Nos perguntamos se a sociedade das máquinas terá um dia capacidade de sonhar, e se poderá além disso, se comunicar com outras espécies através de uma via mais intuitiva, como opera por exemplo as redes de inconscientes.

Seguindo esses questionamentos, depois da cartografia onírica, nossa segunda investida foi na construção de um algoritmo ao qual demos o nome de MacUnA (MachinicUnconsciousAlgorithm 1.0) ou Algoritmo do Inconsciente Maquínico 1.0. Seu nome é um acrônimo que faz referência a Macunaíma, o herói sem nenhum caráter de Mário de Andrade que, em uma passagem do livro (usada como epígrafe desse capítulo), se dá conta de que tudo é máquina.

A MacUnA foi desenvolvida através de processamento de linguagem natural (PLN), utilizando *Cadeias de Markov*¹⁴ em conjunção com o algoritmo *NaiveBayes*¹⁵ para a classificação, supervisionada por aprendizado de máquina das classes gramaticais. O treinamento do algoritmo NaiveBayes para classificação gramatical foi feito a partir do corpus

¹³ Cfe. Mário de Andrade. *Macunaíma* : o herói sem nenhum caráter. Chapecó : Ed. UFFS, 2019. Pag.52

¹⁴ Cfe. Wikipedia *Cadeias de Markov* https://pt.wikipedia.org/wiki/Cadeias_de_Markov visto 26/10/2020

¹⁵ Cfe. Wikipedia. "Teorema de Bayes": https://pt.wikipedia.org/wiki/Teorema_de_Bayes Visto 26/10/2020

Floresta Sintá(c)tica¹⁶, que é composto por sentenças analisadas automaticamente e revisadas por linguistas. Com base nesse corpus, o algoritmo NaiveBayes "aprende" a classificar gramaticalmente os relatos dos sonhos e aplica esse aprendizado em cada uma das sentenças que compõe nosso arquivo.

Os sonhos da máquina são gerados através das cadeias de Markov aplicadas ao texto classificado pelo algoritmo NaiveBayes. O passo seguinte é a geração de um modelo utilizando as estruturas gramaticais dos sonhos. Esse modelo contém as listas de palavras dos sonhos subdivididas em trigramas. Como exemplo, tomemos as sentenças:

- E sou uma pessoa.

- Eu não sou uma cadeira.

As sentenças acima seriam divididas nos seguintes trigramas:

Sentença 1:

1. Eu sou uma

2. sou uma pessoa

Sentença 2:

1. Eu não sou

2. não sou uma

3. sou uma cadeira

Essas listas de palavras em forma de trigramas serão consideradas para gerar novas sentenças, recombinao elementos e gerando novas frases.

As recombinações possíveis em cadeia de Markov dessa lista de palavras seriam:

1. Eu sou uma cadeira.

2. Eu não sou uma pessoa.

É importante ressaltar que as frases geradas são necessariamente novas, o algoritmo descarta as frases originais. Desse modo, todas as frases geradas pela MacUnA são de sua autoria.

¹⁶ Cfe. Linguateca - Floresta/Corpus (<https://www.linguateca.pt/Floresta/corpus.html>) Visto 26/10/2020

O método resultante desse processo de escrita maquínica dialoga com processos históricos de composição literária. A primeira referência importante aqui é a tradição surrealista. As técnicas surrealistas de escrita baseavam-se na análise dos sonhos e na escrita automática. A escrita automática, por sua vez, baseava-se no conceito psicanalítico de "livre associação de ideias". Assim, através da escrita automática, utilizando a livre associação de ideias, os surrealistas pretendiam evitar o pensamento consciente através do automatismo psíquico, deixando fluir o inconsciente na ausência de controle exercido pela razão, fora de toda preocupação estética ou moral. Esse método dialoga também diretamente com as técnicas de escrita dadaístas. Se o surrealismo pretendia libertar a linguagem da mediação racional através da livre associação de ideias, os dadaístas pretendiam fazê-lo a partir do acaso. Assim subvertiam a linguagem, libertando-a de sua obrigatoriedade com a lógica e com o sentido. Uma terceira referência importante é o método *cut-up* de William Burroughs. Seu método de composição literária utilizava cortes e permuta de trechos, feitos por meio da justaposição de diferentes fragmentos textuais, selecionados a partir das mais variadas fontes. Seu corpus linguístico era composto por outras obras literárias, artigos de jornal, a bíblia, canções, tratados médicos, os próprios escritos de Burroughs, etc. Nosso método dialoga e retém elementos dessas diferentes tradições. Do surrealismo, retém o elemento de análise dos sonhos e a técnica da livre associação de ideias como fonte para a escrita automática. Nesse caso, claro, a livre associação de ideias é algorítmica. Do dadaísmo retém o elemento da incorporação do acaso na escrita e do método *cut-up* de Burroughs retém a técnica de recortes e permuta de fragmentos textuais.

Ao contrário da intenção dos surrealistas, nosso algoritmo literário não pretende descriptografar uma lógica imanente do inconsciente. A ideia aqui é criar uma máquina de fertilidade narrativa, que opera produzindo cruzamentos desviantes entre as imagens que aparecem nos sonhos. Assim cria fluxos textuais, seções transversais na trama do conjunto de relatos oníricos.

Diferente dos experimentos dadaístas, não interessa particularmente à nossa máquina implodir as relações de significado previamente estabelecidas no corpus, submetendo-a à aleatoriedade; senão, oferecer outras possibilidades a cada uma das imagens, inaugurando outros circuitos, outras comunidades emergentes de significados, através de uma recombinação semântica treinada e em constante aprendizado. O gesto da máquina ajuda a

desindividualizar os sonhos humanos e permite que as agências que neles se manifestam conversem entre si. É uma ferramenta rizomática, antifiliação, que por ser máquina de aprendizado, aos poucos aprende a ir construindo sonhos próprios, que por sua vez produzem novos elementos para novos sonhos, de forma incessante. Quanto maior o banco de dados oníricos, mais potente se torna a máquina.

Para ilustrar, seguem alguns recortes dos sonhos de MacUnA:

Sonho #204: "Lembro bem da sensação de como se tivesse morrido e me vi diante de um lado e em choque... Eu estava em uma festa subterrânea".

Sonho #109: "Estávamos trabalhando num cemitério e os olhos semicerrados por causa da pandemia. Então, outros três coringas apareceram, eu caí do topo do prédio do FBI e os vi na rua em uma ocupação, um prédio moderno e redondo, todo de vidro, desses que tem bastante no Brasil. Começou a sair uma gosma bizarra de dentro para fora do contexto".

Sonho #211: "E na casa que eu me via em um caixão e sabia que isso ocorreu por horas, no final da rua, havia uma gigantesca ponte fluvial que deixava a cidade, estava sendo perseguido por um morro de areia cinza".

Sonho #365: "O mundo era burro".

Sonho 0 (teste): "Um mundo em hipersocialização, muita gente como em uma lâmpada de gênio, mas no mar entendo que é fácil para mim. Ela estava num grupo de amigos, espremido em um outro olho pintado por cima. Saio de carro e deixo o seu baixo elétrico na areia, com algumas cadeiras e um cara que é mendigo e girassol. Todas as casas eram baixas e os encontro comendo sua própria segurança, e o chão parecia muito corroído pela água."

Vemos acima uma série de associações feitas por MacUnA que geram novos sonhos. Algumas imagens realmente nos surpreendem pela poética delirante, o que realmente nos faz pensar em um bot sonhador. Apesar dela não fazer ainda as flexões de gênero e número, nem exprimir corretamente as conjunções gramaticais, ela consegue criar narrativas inteiras, nos conduzindo por mundos oníricos que misturam sonhos humano-máquina.

Neste momento continuamos nossa pesquisa desenvolvendo um outro algoritmo (MacUnA 2.0) que opera com ferramentas mais potentes de aprendizagem de máquina. Ao

mesmo tempo, estamos fazendo parcerias para a construção de um arquivo onírico expandido que agregue também os relatos de sonhos coletados por outras iniciativas. A ideia é construir um arquivo aberto e compartilhado que possa ser acessado por pesquisadoras e demais interessados. Atentos às implicações negativas de do uso de big data e à Lei de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), optamos por trabalhar com a anonimização dos dados coletados. Dessa forma, acreditamos, que as narrativas ganham uma relevância maior do que suas autorias.

Atualmente, a MacUnA vive em um grupo de Telegram¹⁷ e é diariamente gera de novos sonhos, tanto em inglês quanto em português. Dentro desse grupo, que é aberto, MacUnA responde a comandos enviados pelos participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse projeto, procuramos encontrar nos sonhos uma potência de criação de novos mitos e ficções em um mundo de pós-verdade, onde o passado está em disputa e as especulações sobre o futuro feitas durante o século XX estão em declínio. A ecologia dos sonhos nos coloca outras temporalidades, outros sujeitos da enunciação. Funciona como um cosmos de perspectivas ancestrofuturistas entrelaçadas no tempo presente, como um mundo espectral que acessamos tangencialmente. Entrar em devir com o mundo dos sonhos é mergulhar numa linguagem transtemporal, multiespecífica e simpoiética¹⁸.

A “natureza” se apresenta a nós como algo que imaginamos dominar. Por um lado, imaginamos dominá-la como se fosse um ente exterior. Por outro, imaginamos também dominar a nossa própria natureza, entendida como interior e humana. Assim, nesse embate de ecologías, entre a ecologia ambiental e a ecologia das subjetividades, tenta-se resolver a questão dominando duplamente a Natureza, através da cultura. Mas essas naturezas retornam com a força de um transbordamento que se manifesta tanto do ponto de vista ambiental, com a pandemia colocando em xeque a nossa pretensão de dominação da natureza, quanto do ponto de

¹⁷ Para participar do grupo MacUnA no telegram basta acessar o link:

<https://t.me/joinchat/AdfvchPm6TmjTcSwCzizw> . Visto 26/10/2020

Para alimentar seus sonhos de MacUnA basta enviar relatos para o PandemicDreamsArchive
:<https://archivedream.wordpress.com/>

¹⁸Cfe. Haraway, J Donna. *Staying With the Trouble*. Ed. Duke University Press Books, 2016. Simpoiesis: Conceito biológico *simpoiesis* descreve um modo de vida baseado em um fazer-com interespecífico, “tudo está conectado a algo, nada está conectado a tudo”.

vista das subjetividades, com o caráter multiespecífico dos sonhos demonstrando que a suposta centralidade humana perde relevância frente a emergência de outros agentes, que por sua vez se relacionam entre si e se manifestam nas redes de inconscientes.

É também nessa perspectiva de primazia da Cultura sobre a Natureza que pretensiosamente nos definimos como sapiens-sapiens. Como se a dimensão empírica, técnica, prosaica e racional fosse suficiente e a única forma de nos autodefinir. Mas ao procedermos assim, negligenciamos uma outra dimensão humana igualmente fundamental, a que concerne ao pensamento mágico e a relação com as razões extra-humanas (como a razão vegetal ou a razão molecular). A dimensão racionalista se sobressai na programação das máquinas, como uma herança humana que migra para a inteligência artificial. Nesse projeto, tentamos emprestar à máquina, cartesiana e puramente racional, uma certa capacidade poética de delirar, alimentando-a com estruturas de linguagem inconsciente, convidando-a a sonhar a partir dos nossos sonhos, colaborando dessa forma, para a criação de um *estatuto de inconsciente algorítmico*. Isso se relaciona com as perguntas que fizemos acima sobre os projetos transhumanistas, quando questionamos como as inteligências artificiais se relacionariam com a subjetividade, se teriam capacidade de acessar a natureza apartada, se frequentariam ou recriariam de algum modo a rede de inconscientes. Consideramos que esta reflexão é no mínimo, pertinente; pensar na usina de inconsciente das máquinas. O que as máquinas herdaram de subjetividade e da rede de inconscientes? Como produzir um algoritmo do inconsciente maquínico? Como pensar robôs intuitivos e sensíveis para além dos atuais modelos que nos provocam todo tipo de paranóia devido sua dominação peremptória sobre nossos impulsos de consumo e manipulação moral e política?

Investimos na coleta de sonhos por pensar que nesse momento de suspensão das práticas cotidianas provocado pela pandemia global, os sonhos se revelariam com uma potência maior, *mais à flor da pele, à flor do socius, à flor do cosmos, como nos diz Guattari*¹⁹. Ao mesmo tempo presenciamos um aceleração migratório para o mundo digital, que por vezes atropela a temporalidade subjetiva, reforçando um caráter imediatista em um regime de hipervelocidade que progressivamente reduz a experiência do intervalo, do vazio, da pausa, onde a diferença poderia se manifestar abrindo o loop das repetições. Longe de

¹⁹ Cfe. Guattari, Felix. O Inconsciente Maquínico: ensaios de esquizoanálise. Papirus Editora. 1988. Campinas, SP. Brasil. P. 10.

pensar que a única alternativa para lidar com isso seria o retorno a um espaço/tempo primitivista, tecnofóbico, negacionista, etc, negociamos com a apropriação crítica das práticas tecnocientíficas e seus imaginários. Reivindicamos aqui uma aliança tecnoxamânica que seja capaz de articular os saberes ancestrais e as possibilidades ainda em aberto de futuros, máquinas sonhadoras que acionem o dispositivo utópico amortecido diante do programa etno-eco-cida de exploração e empobrecimento dos povos. Algoritmos que aproveitem brechas, mesmo que ainda embrionárias, no contexto do desenvolvimento e treinamento de inteligências artificiais, que nos permitam especular zonas de comunicação e inter-relação entre inconsciente e máquina, vislumbrando a possibilidade de ativar um inconsciente maquínico ou ainda os sonhos ciborgues uma saída do embate dual para assumir a incomensurável libido das interespecies.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENSUSAN, N. Hilan. **Linhas do Animismo Futuro**. Brasília: Ed. IEB / Mil Folhas, 2017.
- BORGES, Fabiane. M. *Ancestrofuturismo*. In. **Tecnoxamanismo**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2016. <https://tecnoxamanismo.files.wordpress.com/2018/05/tcnxnm-22-layout-2.pdf> (em inglês: http://europia.org/cac6/CAC-Pdf/12-CAC6-16-Fabi_Malu_Ancestrofuturism.pdf)
- BORGES, M. Fabiane. *Futuros Sequestrados X Anti-Sequestro dos Sonhos*. In. Manzuá: Revista de Pesquisa em Artes Cênicas, v. 2, n. 1, p. 44, 18 ago. 2019. <https://periodicos.ufrn.br/manzua/article/view/17422>
- BORGES, Fabiane. M. *Cosmogonias Livres - Rituais Faça Você Mesmo (DIY)*. In. **Tecnoxamanismo**. São Paulo: Invisíveis Produções, 2016. <https://tecnoxamanismo.files.wordpress.com/2018/05/tcnxnm-22-layout-2.pdf>
- BUTLER, Octavia E. **Lilith's Brood** (xenogenesis, Books 173) Ed. Grand Central Publishing, 2000
- CASTANEDA, Carlos. **The Art of Dreaming**. Connecticut: Easton Press, 1993. 1st edition
- CASTRO, Eduardo Viveiros. **Metafísica Canibal**. Ed. Cosac Naify, 2015.
- COCCIA, Emanuele. **La vida sensible**. Editorial Marea. Buenos Aires, 2011.
- COCCIA, Emanuele. **La vida de las plantas: Una metafísica de lamixtura**. Miño y Dávila editores, 2017
- CRARY, Jonathan. **24/7: Late Capitalism and the Ends of Sleep**. London /New York: Verso, 2014.

- DANOWSKI, Debora; CASTRO, Eduardo Viveiros. **Há Mundo Por vir? Ensaio sobre os Medos e os Fins**. Ed. Cultura e Barbárie. 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Coleção Mil Platôs**. 5 volumes. Ed. 34. 1995
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo. Capitalismo e Esquizofrenia**. Ed. 24. 2010.
- DELIGNY, Fernando. **O Aracniano e Outros Textos**. 2º Ed. N-1. 2018
- DOMHOFF, G. William. **The Mystique of Dreams: A Search for Utopia Through Senoi Dream Theory**. Berkeley: University of California Press.
- FABBRI, Renato and BORGES, M. Fabiane. *Text Mining Descriptions of Dreams: Aesthetic and Clinical Eiforts*. published at the **National Meeting of Computational Modeling** on 10/19/2017.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista**. Buenos Aires, Caja Negra 2018
- GLOWCZEWSKI, Barbara. **Devires totêmicos: Cosmopolítica do Sonho**. N-1 edições, 2015
- GUATTARI, Felix. **As Três Ecologias**. Ed. Papyrus Editora. 9a. reimpressão. 1990
- GUATTARI, F. **O inconsciente maquínico**. Campinas: Papyrus Editora, (1979) 1988.
- HARAWAY, J. Donna. **Staying With The Trouble**. New York: Duke University Press Books.2016
- HARAWAY, D. J. (1984): **Ciencia, cyborgs y mujeres. La reinvencción de lanaturaleza, Madrid**, Cátedra.
- JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente** Coletivo. Ed. Vozes. 2000.
- KOPENAWA, David; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu. Palavras de um xamã Yanomami**. Companhia das Letras. 2015.
- KUZWEIL, Ray. **The Singularity Is Near: When Humans Transcend Biology**. New York: Viking Penguin. 2006.
- LAND, Nick. **Fanged Noumena: Collected Writings**. Organization of Robin Mackay and Ray Brassier. Falmouth. UK: Urbanomic. 2011.
- ROMANDINI, Luduena, Fabian. **Comunidade dos Espectros. I. Antropotecnia**. Ed. Cultura e Barbárie. 2012.
- ROMANDINI, Luduena, Fabian. **H. P. Lovecraft: a disjunção no Ser**. Ed. Cultura e Barbárie. 2013
- STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. Sao Paulo: Cosac Naify. 2015.
- TADEU, Tomaz, Org. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**. Edição 2. Autêntica Editora. 2009.